

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

IZABELA FERNANDES MAZZA

O Impacto do Grupo QAnon na Mobilização Eleitoral Estadunidense de 2020.

Uberlândia

2022

IZABELA FERNANDES MAZZA

O Impacto do Grupo QAnon na Mobilização Eleitoral Estadunidense de 2020.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Economia e
Relações Internacionais da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito
parcial para a obtenção do título de Bacharel
em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Prado Mendonça

Uberlândia

2022

IZABELA FERNANDES MAZZA

O Impacto do Grupo QAnon na Mobilização Eleitoral Estadunidense de 2020.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Economia e
Relações Internacionais da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito
parcial para a obtenção do título de Bacharel
em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Prado Mendonça

Uberlândia, 12 de agosto de 2022

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Filipe Prado Mendonça (Orientador) - UFU

Prof. Dra. Sandra Aparecida Cardozo - UFU

Prof. Dra. Marisa Silva Amaral- UFU

RESUMO

Na última década, a força de grupos conspiracionistas radicais de extrema-direita vem tornando-se alarmante no cenário internacional, a exemplo do grupo QAnon, considerado como uma potencial ameaça terrorista doméstica pelo FBI em 2019. O grupo conspiracionista acredita que o ex-presidente Donald Trump estaria travando uma guerra secreta contra atores do “*Deep State*”, em busca de salvar os Estados Unidos. Os seguidores do QAnon apoiam Trump em sua missão de expor essa corja criminoso, e para fazê-lo precisavam garantir que o ex-presidente fosse reeleito em 2020. Entender o impacto que tais grupos conseguem exercer na maior democracia do mundo faz-se fundante para perceber a relevância e o perigo palpável que estes representam no cenário atual. Desta forma, o presente trabalho busca entender se o QAnon foi capaz de mobilizar eleitores nas eleições presidenciais de 2020 e quais métodos utilizou para fazê-lo. Para tal, a abordagem utilizada pelo trabalho será o método hipotético-dedutivo, realizando a revisão bibliográfica a respeito do grupo, do conspiracionismo nos Estados Unidos, da utilização das redes sociais e das eleições. A pesquisa será de caráter investigativo, baseando-se no levantamento dos dados aqui apresentados para compreender o papel do QAnon na mobilização eleitoral de 2020. A conclusão encontrada demonstra indícios de que o grupo conspiracionista, através da disseminação de informações falsas, foram capazes de recrutar milhões de seguidores, que representaram parte da base eleitoral de Trump, e se mobilizaram na maior corrida presidencial da história dos Estados Unidos.

Palavras-chave: QAnon. Donald Trump. Conspiração. Eleições 2020.

ABSTRACT

In the last decade, the strength of extreme right-wing conspiracist groups has become alarming on the international stage, such as the QAnon group, which was considered a potential domestic terrorist threat by the FBI in 2019. The conspiracy group believes that former President Donald Trump would be waging a secret war against "Deep State" actors, seeking to save the United States. QAnon followers support Trump in his mission to expose this criminal gang, and to do so they needed to ensure that the former president was re-elected in 2020. Therefore, it is essential to understand the impact that such groups have in the largest democracy in the world, demonstrating the relevance and the palpable danger that they represent in today's world. Accordingly, the present work seeks to understand whether QAnon was able to mobilize voters in the 2020 presidential elections and what methods it used to do so. To this end, the approach used in this work will be the hypothetical-deductive method, carrying out a bibliographic review about the group, conspiracy in the United States, the use of social networks and the elections. The research will be investigative, based on the survey of the data presented here to understand the role of QAnon in the 2020 electoral mobilization. The conclusion found shows that the conspiracy group, through the dissemination of false information, were able to recruit millions of followers, who represented part of Trump's electoral base, and mobilized in the biggest presidential race in the history of the United States.

Keywords: QAnon. Donald Trump. Conspiracy. 2020 Elections.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tweets mencionando QAnon por localização.....	27
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FBI	Federal Bureau of Investigation
ISD	Institute for Strategic Dialogue
WWG1WGA	Where we go one we go all
MAGA	Make America Great Again
KAG	Keep America Great

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2 . CAPÍTULO I: EXTREMA-DIREITA, CONSPIRAÇÃO E O	
QANON.....	9
2.1. Surgimento do QAnon.....	9
2.2. Métodos de operação do QAnon.....	13
3. CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ELEIÇÕES	
ESTADUNIDENSES EM 2020.....	17
4. CAPÍTULO III: OS MÉTODOS DE INFLUÊNCIA DO QANON NAS	
ELEIÇÕES.....	26
5. CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

1. INTRODUÇÃO

A utilização das redes sociais para espalhar desinformação ameaça a integridade das eleições e das democracias no mundo inteiro, e não é diferente nos Estados Unidos (SHARMA, FERRARA, LIU, 2021).

O surgimento de grupos que utilizam das mídias sociais como parte de seu mecanismo para espalhar notícias falsas e teorias conspiracionistas é um fenômeno cada vez mais observado no mundo todo. Através da difusão de *fake news* esses grupos são capazes de fazer com que milhões de pessoas sejam levadas a acreditar e espalhar desinformação, inclusive a respeito de candidatos e das eleições, influenciando os usuários a alterarem seus comportamentos, ciclos sociais e até mesmo seus votos (SCHABES, 2020).

Este trabalho busca compreender se o grupo conspiracionista QAnon foi capaz de mobilizar eleitores estadunidenses a participarem das eleições presidenciais de 2020, influenciando pessoas a votarem a favor de Donald Trump.

Será realizada uma contextualização do surgimento do grupo, como se iniciou na internet, a origem de suas teorias, quem são as pessoas que acreditam e disseminam seus ideais, qual o objetivo por trás da existência do grupo, quem são seus principais alvos e as ações que seguidores do QAnon tomaram em detrimento das teorias de Q ao longo dos anos.

Faz-se relevante compreender mais sobre um dos grupos conspiracionistas que mais gerou preocupação entre os analistas de política estadunidense em 2020, para buscar entender como o QAnon opera, até onde seus seguidores estão dispostos a agir e quais os impactos reais que podem trazer para a política e sociedade norte-americana. Analisar o reflexo de seus impactos nas eleições presidenciais é uma das formas mais claras de perceber sua influência e o perigo que representam para o processo democrático.

Em seguida será feita uma contextualização das eleições estadunidenses, de como funciona o sistema eleitoral no país e das ações que se sucederam antes, durante e depois das eleições, buscando identificar e demonstrar como os seguidores do QAnon, e as teorias difundidas pelo grupo, estavam presentes neste momento. Além disso, será descrito o incidente do ataque ao Capitólio em 6 de janeiro de 2021, o impacto que essa agressão apresentou para a história e democracia dos Estados Unidos e, novamente, qual o papel que o QAnon representou neste momento.

Por fim, será feita uma análise de diversos estudos que levantaram dados empíricos sobre o comportamento das contas QAnon nas redes sociais no período pré-eleição e durante os dias das contagens dos votos, para buscar compreender o comportamento que estas contas apresentam, as estratégias que utilizam, e os números reais de seus seguidores e seu engajamento. Espera-se que, através destes dados, seja possível inferir se o grupo foi capaz de mobilizar eleitores nas eleições em 2020, e de que maneira.

2. CAPÍTULO I: EXTREMA-DIREITA, CONSPIRAÇÃO E O QANON

2.1: Surgimento do QAnon

O QAnon pode ser definido como um grupo conspiracionista de extrema-direita baseado no radicalismo. Grupos assim podem ser caracterizados como pessoas que se unem e criam explicações e teorias para compreender as ações de grupos ou organizações que buscam alcançar um objetivo oculto, que é visto como ilegal ou maléfico (BARRON; MORGAN; TOWELL; ALTEMEYER; SWAMI, 2014).

No caso específico do QAnon, a teoria central defendida pelos participantes é que existe um grupo de elites adoradoras de Satanás que administram uma rede de tráfico sexual infantil e estão em busca de controlar a política e mídia estadunidense. Além disso, outra forte crença central do grupo é a de que o ex-presidente Donald Trump está travando uma guerra secreta contra os pedófilos da elite satanista no governo, nos negócios e na mídia. Dessa forma, ele se caracteriza como a figura salvadora que irá resgatar os Estados Unidos desse grande mal (ROOSE, 2021).

Os crentes do QAnon especularam que essa luta levará a um dia de acerto de contas em que pessoas proeminentes, como a ex-candidata presidencial Hillary Clinton, serão presas e executadas.

O QAnon surgiu em 2017, através de posts de um usuário anônimo na plataforma 4chan, que assinava como “Q”, e afirmou ter alto nível de aprovação de segurança dentro do governo estadunidense. Através de diversos posts, chamados de “Q drops” ou “*breadcrumbs*” muitas vezes criptografados, Q fazia instigações, promessas, acusações e campanhas pró-Trump. Em pouco tempo atraiu seguidores curiosos que se envolviam nas conspirações publicadas nas plataformas, que eram divulgadas nas maiores redes sociais, como o Facebook e o Twitter.

Uma teoria similar já havia sido difundida durante as eleições presidenciais em 2016, a chamada “*Pizzagate*”, que também denunciava uma rede de pedofilia do Partido Democrata, que se dava lugar em uma pizzaria de Washington chamada Comet Ping Pong, onde supostamente haviam crianças presas e ocorriam rituais satânicos. Essa teoria levou um de seus seguidores a invadir a pizzaria armado com o objetivo de resgatar as crianças da organização satanista do “*deep state*” que ocorria ali.

Da mesma forma que nunca houve indícios ou provas de que haveriam rituais ou crimes cometidos na pizzaria, as teorias e informações espalhadas pelo QAnon são muito amplas, divergindo muito nos assuntos e atacando diferentes figuras, seja do governo ou da mídia. O líder Q se mostra muito pouco interessado em explicar o porquê das teorias que divulga, e seus seguidores aparentam não se importar com a explicação, mas confiam cegamente que o que é dito faz sentido (SCHABES, 2020).

Em detrimento da pandemia do Covid-19, a quantidade de tráfego nas páginas defensoras do QAnon nas principais redes sociais do mundo, tais como Facebook, Twitter, Reddit e YouTube, cresceu muito, fato que levou várias das plataformas a banirem centenas de contas relacionadas à conspiração Q. O contexto do ano de 2020, onde os governos do mundo todo instalaram o lockdown, fez com que as pessoas passassem mais tempo na internet, fator que promoveu a amplificação do grupo, uma vez que um público maior tinha acesso a suas postagens (AFP, 2021).

A pesquisadora de desinformação do think tank ISD, Mackenzie Hart, disse que “De certa forma, a pandemia criou a tempestade perfeita para teorias da conspiração como QAnon crescerem”. Não apenas pelo aumento da presença mundial online, mas pelo medo que a incerteza de uma pandemia causa na população. De acordo com Hart, o medo cria um ambiente fértil para teorias da conspiração, uma vez que estas provêm respostas fáceis. (AFP, 2020)

Além disso, o QAnon soube utilizar muito bem de suas ferramentas para crescer durante a pandemia. Atuou como uma força de ligação e misturou sua teoria central, o core de sua existência, com teorias da conspiração de longa data, como as anti-vacinas e a tecnologia móvel 5G. Além de utilizar de teorias novas que surgiram com o Covid-19, tais como a suposição de que o vírus seria apenas uma forma dos governos controlarem sua população e cercearem suas liberdades, bem como fomentar movimentos anti-máscaras, e a crença de que o “*deep state*”

estaria por trás da pandemia. Outrossim, aliaram-se a supremacistas brancos, movimentos de extrema-direita e política libertária (SCHABES, 2020).

O QAnon possui como base de suas teorias fortes ideais antissemitas, espalham diversas teorias de que os judeus planejam dominar o mundo, além de publicarem imagens com artes racistas, que remetem as mensagens propagadas na Alemanha nazista. Muitos de seus posts são direcionados a atacar a família Soros e Rothschild- ambas de origem judia que realizam trabalhos filantrópicos no mundo todo atualmente. Até mesmo a divulgação de teorias de que os inimigos do QAnon beberiam sangue de crianças em rituais satânicos se trata da reciclagem de ideias medievais de que os judeus assassinavam crianças para utilizarem seu sangue em rituais. Esta reciclagem de falas e ideias racistas e antissemitas não é um caso isolado no grupo, que re-utiliza de teorias da conspiração antigas, e incorpora novas como as relacionadas ao coronavírus, para atingir mais pessoas e atrair apoiadores (LAL, 2020).

Quando milhões de pessoas se interessaram e começaram a interagir com os posts misteriosos de alguém que dizia ter alta liberação de segurança na Casa Branca, o Reddit baniu Q da plataforma, em 2018. Rapidamente o usuário ressurgiu na internet com os mesmos posts enigmáticos, no site 4chan. Entretanto, a falta de liberdade para criar fóruns próprios, apesar do maior anonimato, levou o grupo a se instalar no 8chan, onde Q fez mais de 5000 posts durante anos, até que o site foi fechado após o tiroteio em El Paso (AFP, 2019).

Atualmente o grupo reside na plataforma 8kun, que é hospedada pelo mesmo proprietário do site 8chan, que foi encerrado quando o suspeito pelo tiroteio de El Paso teria postado um manifesto racista na plataforma, minutos antes de assassinar 21 pessoas. A empresa de segurança e infraestrutura digital Cloudflare encerrou seus negócios com o 8chan, por alegarem que o site não modera o conteúdo postado na plataforma, se tornando um ambiente propício para anarquistas e extremistas postarem mensagens de conteúdo hostil. Mesmo com o site 8chan encerrado, o 8kun foi rapidamente aberto, o que permitiu que as mesmas pessoas continuassem com seus posts, incluindo Q (AFP, 2019).

Para entender quanto o número de seguidores do QAnon aumentou, o New York Times apurou que o aplicativo '*QDrops*', onde os usuários reuniam todos os posts de Q e debatiam o significado de suas mensagens, estava entre os 10 aplicativos iOS pagos mais baixados na App Store. Além disso, o site "QAnon.pub" foi criado em março de 2018 e em pouco tempo atingiu

uma audiência de mais de sete milhões de visitas por mês, segundo a empresa de análise da web SimilarWeb (BANK ET AL., 2018).

Em 2020 foi estimado que apenas no Facebook e Instagram existiam mais de 4,5 milhões de contas QAnon, e foram identificadas comunidades do grupo em mais de 25 países. Foram descobertos diversos grupos privados no Facebook com milhões de membros, que utilizam da plataforma para espalhar desinformação e atrair seguidores. Especialistas que estudam o fenômeno argumentam que o Facebook ajudou estes grupos a crescerem, uma vez que os alimentam através de um algoritmo da rede que sugere grupos para usuários baseados em seus interesses, movimentações nas redes e associação a grupos existentes. Uma postagem interna compartilhada no Facebook demonstrou que a empresa aceitou 185 anúncios que favoreciam ou representavam o QAnon. Os anúncios geraram cerca de \$12.000 para o Facebook e 4 milhões de impressões em apenas um mês (SEN; ZADROZNY, 2020).

Para a diretora do *Shorenstein Center on Media Politics and Public Policy* da *Kennedy School*, em Harvard, Joan Donovan, as redes sociais enfrentam um desafio inédito na busca por moderar grupos que espalham desinformação, como o QAnon. Ao mesmo tempo que as plataformas funcionam como parte da engrenagem para o funcionamento do grupo, sendo uma infraestrutura para que os seguidores se conectem, também é alvo das teorias, consideradas pelos apoiadores de Q como regimes opressivos que obstruem a verdade. Para a professora, o Facebook se configura como a maior peça para a estrutura do QAnon. Ademais, empregados da própria plataforma atestaram sua preocupação com as atividades do grupo e sua capacidade de influenciar nas eleições de 2020 (SEN; ZADROZNY, 2020).

As ações do QAnon são implicadas fora das redes, incluindo confrontos armados, tentativas de sequestro, campanhas de assédio, tiroteios e assassinatos. Em 2019 o FBI declarou o QAnon como uma potencial ameaça terrorista doméstica, ao analisar nove incidentes violentos cometidos por membros do grupo no mesmo ano, dos quais três foram fatais (CSIS, 2021). O Facebook banuiu os principais grupos relacionais ao QAnon da plataforma, com mais de 200.000 membros, além de páginas e perfis pessoais por irem contra as diretrizes do site (SEN; ZADROZNY, 2020).

Os seguidores do QAnon defendem que vivemos na época do “grande despertar”, em que a verdade a respeito do “*deep state*” virá à tona e seus crimes serão expostos. Os “*Qfollowers*” acreditam que esta elite inclui os principais democratas como o presidente Joseph R. Biden Jr.,

Hillary Clinton, Barack Obama e George Soros, bem como várias celebridades como Oprah Winfrey, Tom Hanks e Ellen DeGeneres, além de figuras religiosas, incluindo o Papa Francisco e Dalai Lama. Muitos deles também acreditam que, além de molestar crianças, membros desse grupo matam e comem suas vítimas para extrair uma substância química, chamada adrenocromo, que funciona como um psicotrópico, e seria a fonte da juventude (ROOSE, 2021).

Q havia previsto que essa guerra secreta logo culminaria no que eles chamam de “*the storm*”, uma referência a uma fala do ex-presidente Trump enquanto posava para uma foto ao lado de generais militares, dizendo que aquilo representaria “a calmaria antes da tempestade”. Essa tempestade seria o momento no qual o ex-presidente iria expor toda a corja de criminosos e os mandaria para Baía de Guantánamo por seus crimes, onde seriam julgados em tribunais militares e executados (ROOSE, 2021).

Os seguidores do QAnon acreditam que falas como a supracitada do ex-presidente, dentre outras “dicas” deixadas em seus discursos e tweets, são formas de Trump se comunicar com o grupo, através de mensagens codificadas, de que o momento de desmascarar o “*deep state*” estava próximo. São convencidos realmente através de informações soltas e sem contexto de que as postagens do Q nos fóruns online são reais, que a ameaça da guerra iminente está cada vez mais próxima, momento no qual Trump salvaria os Estados Unidos- e o mundo- da ameaça do “*deep state*”, e levaria a América a grandeza novamente.

2.2: Métodos de operação do QAnon

Como já mencionado, o QAnon operou na maior parte do tempo através de posts no fórum online 8chan, onde Q faz posts esporádicos, na grande maioria das vezes criptografados, que são chamados de “*Qdrops*” ou “*breadcrumbs*”. Diferente de grande parte das teorias da conspiração conhecidas, como o 11 de setembro, as teorias da conspiração de Birther e as teorias da conspiração de Benghazi, que focam em um indivíduo ou evento específico, o fenômeno do QAnon pode ser pensado como uma meta-conspiração. Isso porque o grupo espalha várias teorias da conspiração sobre inúmeras pessoas, lugares e eventos, muitas vezes o que é referido como uma super conspiração (BARKUN, 2013). As teorias de QAnon atacaram pessoas que vão desde membros do partido democrático, os principais alvos, até celebridades como Oprah (SCHABES, 2020).

Os seguidores do QAnon, conhecidos como “*bakers*” ou “*Qfollowers*”, reúnem estes posts soltos, com informações que podem parecer sem sentido, as chamadas “migalhas”, e formam teorias robustas sobre como o “*deep state*” estaria tramando contra o ex-presidente Trump e sobre os próximos acontecimentos nessa guerra secreta. Além de acreditarem que estes posts com dicas e teorias seriam provas da proximidade real de Q com Trump. Muitos desses seguidores utilizam o aplicativo “Q drop”, onde reúnem e debatem todos os posts de Q em um só lugar. O aplicativo foi retirado do ar na Apple Store por violar os guidelines da empresa (SCHABES, 2020).

Diferente de outras teorias clássicas da conspiração, que buscam explicar algo ou um acontecimento, o QAnon não parece querer explicar nada, são informações falsas soltas em um fórum online, que convencem milhões de pessoas de sua veracidade, mesmo sem nenhum tipo de prova, mas que cegamente escolhem por acreditar que tudo que é dito anonimamente por Q é real. Outra grande diferença do grupo é que, ao contrário da forma como diversas outras teorias surgem, através de grupos de oposição ao poder, o QAnon nasceu de defensores trumpistas quando o ex-presidente Trump já estava eleito (FANJUL, 2021).

Os crentes nas teorias do grupo são pessoas muito propensas a receberem notícias falsas, especialmente aquelas relacionadas a conspirações do governo, que buscam enganar e omitir informações da população norte-americana, o que os torna facilmente suscetíveis a acreditarem em todos os posts feitos pelo Q (SCHABES, 2020).

Além disso, Q designa missões para alguns de seus seguidores, como o caso do, então desempregado, ex-fuzileiro naval, Matthew Wright, que estacionou um caminhão blindado na Mike O'Callaghan-Pat Tillman Memorial Bridge, que atravessa o rio Colorado, na fronteira do estado da Arizona e Nevada. Wright estava armado com um AR-15 e um revólver, bloqueou o trânsito por quase noventa minutos antes de se entregar à polícia. Após sua prisão, Wright escreveu uma carta à Casa Branca dizendo que "simplesmente queria a verdade em nome de todos os americanos, de toda a humanidade". HuffPost reportou que no dia que Matthew foi preso por suas ações, ele estava agindo como um soldado de Q. (CAMPBELL, 2018).

Incidentes como este e o caso Pizzagate em 2016 são só alguns exemplos de como as ações do grupo foram do mundo online para o real, o que é alarmante considerando a gravidade dos casos mencionados. Seguidores do movimento participaram do motim que deixou vítimas no Capitólio em janeiro de 2021, inspirados pelo então presidente Donald Trump, que convocou

seus eleitores a se rebelarem em frente ao Capitólio no dia em que a vitória de Joe Biden seria anunciada, afirmando que as eleições haviam sido fraudadas- teorias que os seguidores do QAnon adotaram e reproduziram prontamente (MCINTIRE & ROOSE, 2020).

Além disso, outros seguidores do QAnon foram acusados de crimes violentos, incluindo sequestros, tentativas de assassinato e o assassinato de um chefe da máfia em Nova York, em 2019. Um boletim de terrorismo emitido pelo Departamento de Segurança Interna, no final de janeiro de 2021, alertou para o aumento da violência de grupos extremistas domésticos, incluindo comunidades de teoria da conspiração como QAnon (MCINTIRE & ROOSE, 2020).

Novamente, uma característica que não é comum a todas as teorias da conspiração, os indivíduos que seguem o QAnon estão dispostos a se voluntariar para cometerem crimes graves, designados a eles por um usuário anônimo desconhecido na internet. O QAnon é um grupo capaz de incitar co-conspiradores a realizarem atos contra os inimigos do grupo ou membros do “*deep state*”, não só na internet, mas na vida real (BARKUN, 2013).

Os seguidores de Trump e do QAnon já foram comparados com membros de cultos- que seguem cega e fielmente as informações que recebem sem questioná-las, dispensando fatos e provas e espalhando qualquer tipo de informação, mesmo que sem confirmação, contra o “inimigo”. Teorias da conspiração como as espalhadas pelo QAnon já se tornaram *mainstream* na mídia e na política. O próprio ex-presidente Trump já tweetou diversas vezes a respeito de teorias da conspiração, em sua conta pessoal foram feitos mais de 1,710 tweets que mencionam o tema (MCINTIRE ET AL., 2019). Faz-se fundante reconhecer a devoção que diversos estadunidenses têm ao presidente Trump. Essa adoração torna os seguidores de Trump ainda mais propensos a acreditarem em suas publicações no Twitter, mesmo que seus posts estejam cheios de desinformação não baseada em fatos e promova teorias da conspiração, sendo então retuitadas por seus seguidores, reiterando o ciclo de teorias da conspiração que proliferam. Dessa forma, os posts feitos por Q se tornam muito mais suportados ao se basearem (ou serem mencionados) nas redes do ex-presidente. (HASSAN, 2019).

Mas não é apenas através de Donald Trump que o QAnon se valida nas massas. O grupo recebeu atenção e foi noticiado por canais como Fox News, Business Insider, The New York Times, BuzzFeed e outras importantes fontes de informação, o que cada vez mais atrai atenção e curiosidade para as teorias (SCHABES, 2020).

Um exemplo claro de como o QAnon atua no mundo real é o fato de que 24 candidatos que defendiam e utilizavam das teorias de Q concorreram nas eleições em 2020- dois deles chegaram ao Capitólio, ainda que outros analistas consideram que mais de 60 candidatos compactuavam em algum nível com o grupo. A mais conhecida deles é a atual deputada federal pelo Estado da Geórgia, Marjorie Taylor Greene, adepta assumida das teorias do QAnon.

O grupo utiliza de vários slogans codificados e escondidos para que apenas os seguidores possam compreender e identificar, como “*Where we go one we go all*”, ou em sua forma abreviada “WWG1WGA”, “*Follow the white rabbit*” e frases como “*prepare for the storm*”. Esse tipo de movimentação gera uma identificação entre os membros, que se sentem representados e acolhidos por um grupo- quase um movimento social- que busca defender o mundo de acontecimentos terríveis e atos inimagináveis cometidos pelos inimigos participantes do “*deep state*”- satanistas e pedófilos.

Dessa forma, o QAnon mantém seus seguidores sempre em alerta, sempre aguardando um “Dia D”, o qual nunca é informado quando será, apenas que está próximo, nem o que ocorrerá neste dia, mas que eles devem estar preparados para quando a figura messiânica de Trump revelar a verdade ao mundo e a guerra contra o “*deep state*” for oficialmente assumida, o que levará a uma série de mortes e execuções em ordem de salvar o mundo.

Esse tipo de criação de expectativa fez com que vários de seus seguidores apresentassem uma mudança brusca de comportamento, como foi relatado por seus familiares. Diversos relatos de diferentes partes do país possuem muitas semelhanças, como a obsessão dos seguidores pelos assuntos levantados pelo QAnon, que se tornou o único tema do qual conseguiam falar sobre, a exclusão e isolamento da família, a participação acentuada em fóruns e grupos para discutir o tema, e até mesmo surtos, que fizeram com que alguns pegassem armas e ficassem em estado de ataque, esperando que a lei marcial fosse ser anunciada a qualquer minuto (LAMOUREUX, 2019). Além de, claro, aqueles que cometeram crimes reais em nome de combater os inimigos do QAnon.

Faz-se relevante pontuar que o QAnon por si só não realizou uma lavagem cerebral, retirando a autonomia e tornando os indivíduos que o seguem violentos, mas a paranoia que as informações postadas por Q constroem na cabeça dos seguidores pode definitivamente impactar na saúde mental e nas atitudes de seus adeptos. Outrossim, o grupo incentiva a descrença e apoia o desmantelamento das instituições democráticas dos Estados Unidos- teorias da conspiração

como as defendidas pelo QAnon podem inibir a autonomia que um indivíduo deve esperar ter em um país onde a democracia liberal é a estrutura e os valores e sistemas democráticos são motivo de orgulho (SCHABES, 2020).

3. CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ELEIÇÕES ESTADUNIDENSES EM 2020

Em primeiro momento, faz-se necessário contextualizar como funcionam as eleições presidenciais estadunidenses. Trata-se de uma eleição indireta, ou seja, não é o voto popular que define o vencedor, mas sim a quantidade de delegados dos Colégios Eleitorais conquistados. Cada um dos 50 estados norte-americanos mais o Distrito de Columbia possuem um número específico de delegados, a variar de acordo com o tamanho de sua população.

Os Estados Unidos utilizam o chamado “sistema de colégio eleitoral”, no qual cada estado possui uma “pontuação” equivalente ao número de parlamentares no Congresso. A Califórnia, por ser a região mais populosa do país, possui 55 delegados, já o Alaska e Montana, regiões menos populosas, são representados por três. No total, somam-se 538 delegados, para se eleger o candidato precisa contabilizar metade dos delegados eleitorais (269) mais um, sendo assim necessários 270 delegados para que um candidato seja eleito presidente.

Para grande maioria dos estados norte-americanos, mais especificamente 48 deles, aplica-se a regra “*winner-take-all*”, que significa que o candidato que conquistar a maioria dos votos levará todos os delegados na disputa. A exceção a essa regra ocorre nos estados de Nebraska, com 5 delegados, e no estado de Maine, com 4 delegados. Nesses locais aplica-se a regra do “*congressional district method*”, no qual o candidato com mais votos no estado automaticamente leva dois delegados. O restante dos delegados são agrupados em distritos (3 em Nebraska e 2 no Maine), e o candidato que obtiver mais votos em cada um desses distritos contabiliza o delegado (SILVA, 2020).

Dessa forma, torna-se clara a possibilidade de que o candidato com maior número de votos populares não seja o vencedor da disputa eleitoral, uma vez que nas eleições estadunidenses não é a quantidade total de votos que mais importa, mas sim o número de delegados no Colégio Eleitoral que cada candidato acumula. Por esta razão faz-se extremamente importante que os candidatos à presidência norte-americana visem os estados com maior número de delegados.

Exemplos de corridas presidenciais que se caracterizaram por serem extremamente acirradas e, ainda assim, o candidato com o maior número de votos populares não se consagrou como presidente do país, por terem sido derrotados no Colégio Eleitoral, angariando um número menor de delegados, foram em 2016, com a candidata Hillary Clinton, que perdeu as eleições no colégio para Donald Trump, e nos anos 2000, quando Al Gore foi derrotado no colégio por George W. Bush (MELO, 2020).

Ademais, nos Estados Unidos existem dois partidos que tradicionalmente dominam a disputa eleitoral: o Republicano, politicamente mais conservador, e o Democrata, que se caracteriza por políticas mais progressistas. Existem ainda outros partidos que também anunciam seus candidatos, mas a disputa tende a se concentrar entre os dois concorrentes destes partidos principais.

A política estadunidense possui um caráter muito polarizado, que se reflete entre os Republicanos e Democratas. O eleitorado desses dois partidos tende a ser muito fiel, uma vez que as políticas e prioridades atribuídas a cada um deles costuma diferir bastante. Esta lealdade é refletida nas disputas presidenciais, o que faz com que alguns estados sejam histórica e tradicionalmente mais propensos a eleger um partido.

Dentre os exemplos mais comuns desse favoritismo está o estado da Califórnia, no qual nas últimas sete eleições o partido vencedor foi o Democrata. Outro exemplo de um estado tradicionalmente democrata é o estado do Oregon, no qual candidatos democratas vêm se consagrando vencedores desde 1988. De forma oposta, os estados do Texas e Kentucky são historicamente conhecidos por serem republicanos, onde estes candidatos vêm ganhando as eleições consecutivamente a muitos anos (SILVA, 2020).

Não obstante, existem diversos estados que possuem um perfil indefinido, nos quais o rumo das eleições é imprevisível, conhecidos como “*swing states*”, onde as disputas eleitorais costumam ser bem mais acirradas e intensas, uma vez que se classificam como locais cruciais para definir o vencedor no Colégio Eleitoral. A Flórida é um bom exemplo de um estado indefinido, sendo um dos locais mais importantes para o encaminhamento das eleições, uma vez que possui 29 delegados, e as disputas são raramente decididas por mais de 400 mil votos, tornando-se um estado no qual as corridas presidenciais são muito acirradas. Nas últimas seis eleições presidenciais, três candidatos que venceram no estado foram republicanos e três foram democratas (SILVA, 2020).

Outro ponto fundante a ser destacado a respeito do sistema eleitoral nos Estados Unidos é que o voto é facultativo, ou seja, os cidadãos podem deixar de votar sem nenhuma penalidade ou restrição. Tendo isto em vista, os candidatos precisam não apenas convencer a população a votar neles, mas também precisam incentivá-los a se registrarem para votar.

Em 2020, nos EUA, cerca de 80% da população estava registrada como eleitor. Desses, 66,7% votaram nas eleições para presidente, senadores e deputados, totalizando mais de 160 milhões de eleitores. Além disso, o sistema eleitoral americano permite que os cidadãos votem através dos correios, opção flexibilizada por grande parte dos estados em detrimento da pandemia, o que resultou em quase 64 milhões de votos enviados pelo correio. Bem como aqueles que votaram presencialmente nas seções abertas antecipadamente, outra opção possibilitada pelo sistema norte-americano, o que traduziu em mais de 100 milhões de votos realizados antes da data oficial (MELO, 2020).

O modelo de república federativa dos Estados Unidos permite ainda que cada estado decida como vai lidar com a contagem dos votos, ou seja, não existem regras unificadas, o que faz com que o processo se torne ainda mais lento. O voto realizado através dos correios também leva mais tempo para ser apurado, uma vez que precisa passar por diversos crivos antes de chegar à etapa do escrutínio, para que seja verificada sua validade (LABORDE, 2020).

A demora para lidar com essa quantidade de votos, na eleição que se consagrou como a maior votação da história dos Estados Unidos, contando com a maior participação popular desde 1900, somada às dificuldades que o voto por correio traz, e a falta de unificação de regras e métodos entre os estados, contribuiu para a construção de um cenário de nervosismo e ansiedade global, em um país que se encontrava extremamente polarizado.

Ademais, o então presidente Donald Trump fez sérias acusações em seu Twitter de que as eleições haviam sido fraudadas, que um roubo estava acontecendo durante a contagem dos votos. Alegou que seu concorrente, Joe Biden, estaria “roubando” as eleições através de “votos ilegais”, sem possuir nenhuma evidência para suportar suas acusações (MARS, 2020).

Ao longo de toda sua campanha o ex-presidente mencionava sobre a possibilidade de grave fraude na votação por correio, ainda sem nenhum indício da veracidade dessa suposição. No dia das eleições, durante a madrugada, Trump disse publicamente que não aceitaria o resultado das votações, sendo que os votos ainda estavam sendo contados. Isso porque ele se considerava o vencedor em estados importantes, mas que nem mesmos os organizadores das

eleições reconheciam ainda, uma vez que nem todos os votos haviam sido contabilizados (GALINDO, 2020).

Essa pressa tinha um motivo nítido- tendo em vista que em diversos estados cruciais os votos contados até então o colocavam à frente de seu adversário, e as cédulas que ainda precisavam ser apuradas eram justamente aquelas da votação antecipada, que em sua grande maioria iriam para o candidato democrata, encerrar as contagens e acusar fraudulência se tornava a chance mais provável de vitória para Trump. Este discursou na sala de imprensa da Casa Branca que ele seria o vencedor através dos “votos legais” com vantagem, mas que se contassem os “ilegais”, aqueles que chegaram “atrasados”, poderiam tentar roubar as eleições (MARS, 2020).

Durante a contagem de votos que acontecia por todo o país Trump clamava em suas redes sociais que a apuração fosse interrompida, tendo em vista que a cada voto contabilizado seu adversário chegava mais próximo de ganhar as eleições. O ex-presidente continuava a defender que as cédulas que estavam sendo contadas eram ilegais, e que contestaria o resultado caso fosse necessário. Argumentava que nenhuma célula que chegasse depois do dia 3 de novembro- o dia das eleições- deveriam ser contabilizadas, uma vez que o sistema de votação por correio seria muito vulnerável a irregularidades e poderia ser facilmente fraudado (MARS, 2020).

Incitados pelo ex-presidente, iniciaram-se diversas manifestações por todo país. Apoiadores de Trump foram às ruas exigir que parassem a contagem de votos, utilizando frases como “*Stop the steal*”. Incentivados pelas falas de Trump, milhares de pessoas defendiam que as cédulas enviadas por correio eram ilegais, e que precisavam “proteger o voto”. Alguns republicanos chegaram ainda a entrar com processos em vários estados em busca de frear a apuração. O próprio ex-presidente lançou uma ofensa judicial para impedir as contagens. (G1, 2020).

Em alguns estados, protestantes pró-Trump se reuniram em frente ao centro de contagem de votos armados com fuzis de assalto, utilizando bonés e camisetas com a frase “*Make America great again*” e placas com alegações infundadas a respeito da votação. Várias dessas manifestações levaram a intervenção da polícia, e algumas pessoas foram detidas (SINGH, 2020).

Como resposta, muitos eleitores democratas também foram às ruas utilizando a frase “*Count every vote*”, que viralizou nas redes sociais, pedindo que o processo estabelecido fosse

seguido conforme a regra, e todos os votos fossem contabilizados nas eleições. Ainda que estes protestos tivessem um caráter mais organizado na maior parte das cidades, algumas também levaram a tumultos, nos quais a polícia precisou intervir e manifestantes foram presos (G1, 2020).

As alegações de Donald Trump vão muito além de um ataque ao seu concorrente, mas ameaçam e deslegitimam o próprio sistema eleitoral e a democracia norte-americana. Suas acusações, somadas às milhares de *fake news* que se espalharam pela internet, especialmente nas comunidades de extrema-direita, contribuíram para a extrema polarização no país, que culminaram no tumulto que resultou no ataque ao Capitólio (MARS, 2020).

Até mesmo os próprios membros do partido Republicano, ou ao menos vários deles, repreenderam Trump por suas falas, criticando publicamente as alegações feitas pelo ex-presidente, que atacam o processo democrático estadunidense ao associar o sistema eleitoral à corrupção sem nenhuma prova. Vários deles defenderam que todos os votos deveriam ser contados e o resultado da eleição deveria ser respeitado, uma vez que é a representação da democracia no país (SENRA, 2020).

Quando Trump veio a público após o fechamento das urnas durante a madrugada e afirmou que já havia ganho as eleições e que os votos por correio eram uma grande fraude, diversos republicanos e conservadores criticaram a fala do ex-presidente, assumindo a irresponsabilidade de tais afirmações em um período tão crítico das eleições (SENRA, 2020).

No dia 6 de janeiro de 2021, durante a sessão conjunta do Congresso que confirmaria a vitória de Joe Biden, centenas de eleitores de Trump marcharam até o Capitólio, onde a sessão ocorria, para invadi-lo. Após meses alegando que as votações seriam fraudadas, os trumpistas atacaram o prédio, que é símbolo de poder político no país, e conseguiram superar a segurança do local, invadindo o Capitólio, armados, atacando os policiais presentes, depredando o prédio, quebrando objetos considerados bens históricos e ameaçando os congressistas de morte (TORTELLA, 2022).

Os membros do congresso e da imprensa que participavam da sessão foram forçados a sair às pressas do local enquanto os manifestantes escalaram o prédio e invadiram as salas, alegando que as eleições haviam sido roubadas e o resultado seria uma fraude. Apoiadores de Trump liam seus tweets em megafones do lado de fora, incitando os outros a se juntarem ao ataque, cantavam frases como “Enforcem Mike Pence”, ex-vice-presidente, que presidia a

sessão conjunta e havia sido criticado por Trump em suas redes sociais por não anular o resultado das eleições. Alguns dos manifestantes também levaram consigo uma força improvisada, e entraram no Capitólio enquanto gritavam “Nancy”, se referindo a Nancy Pelosi, presidente da Câmara (TORTELLA, 2022).

Logo que o ataque ao Capitólio teve início, diversas figuras do partido Republicano, membros do governo Trump, ativistas conservadores e personalidades da TV Fox entraram em contato com o chefe do gabinete da Casa Branca, Mark Meadows, apelando para que o ex-presidente Trump fosse ao ar para condenar o ato e pedir para que a população voltasse para casa. Até mesmo Donald Trump Jr., filho do ex-presidente, enviou mensagens pedindo para que o ato fosse condenado o mais rápido possível (GANGEL, HERB, STUART, 2022).

O comitê da Câmara que está investigando participação do ex-presidente no ataque ao Capitólio acredita que as mensagens que foram enviadas assim que a manifestação se iniciou demonstram como Trump poderia ter freado a violência antes que o ataque perdesse o controle e fatalidades ocorressem. Esse só se manifestou após horas do início da invasão, quando publicou um vídeo em suas redes sociais onde mantinha o posicionamento de que as eleições haviam sido adulteradas e pedia para que as pessoas fossem embora. Esse descaso com a violência a um dos maiores símbolos políticos do país reforça que não era do interesse de Trump impedir essas manifestações, e tratava-se de mais uma tentativa de obstruir a certificação do Congresso de que Biden teria ganho as eleições (GANGEL, HERB, STUART, 2022).

Esse ataque, que se configurou como um marco na história estadunidense, resultou na prisão de mais de 725 pessoas em quase todos os estados do país. Pelo menos 225 cidadãos foram indiciados por agressão e 165 se declararam culpados de crimes federais, dos quais 22 cometeram crimes graves. Outrossim, ao menos dois manifestantes e três policiais faleceram nos dias seguintes ao ataque, decorrente de lesões graves sofridas durante o embate. Outros 140 policiais foram feridos, e quatro seguranças que protegiam o Capitólio tiraram a própria vida nos meses decorrentes (TORTELLA, 2022).

O ataque ao Capitólio deixou grandes marcas na democracia norte-americana, sendo uma insurreição contra o próprio sistema dos Estados Unidos. O fato do então presidente Donald Trump ter abandonado naquele momento seu dever como líder do mundo livre e ter sido conivente com a violência que se sucedeu naquele dia é ainda mais preocupante, considerando que grande parte de seus seguidores continuam defendendo os mesmos ideais e ainda enxergam

Trump como o salvador da pátria, dispostos a atacar o próprio sistema democrático do país e interromper as eleições para que este se mantenha no poder.

Trump postou um tweet em sua rede pessoal no dia 6 de janeiro no qual denominou as pessoas que entraram no Capitólio de “patriotas”. Essa atitude fez com que a plataforma suspendesse sua conta durante 12 horas, além de emitir um aviso de que ele seria expulso caso quebrasse as *guidelines* novamente. No dia 8 de janeiro de 2021 Trump tuitou novamente sobre como os milhões de americanos que votaram nele não seriam calados ou desrespeitados, e que ele não compareceria à inauguração em 20 de janeiro (CLARK, 2021).

O Twitter entendeu que os posts de Trump poderiam ser interpretados como indicação de que ele não facilitaria a transição de representantes, além de que continuava afirmando que as eleições foram ilegítimas, sem apresentar nenhuma evidência. A plataforma afirmou que esses tweets iam contra as regras, e baniu permanentemente a conta de Donald Trump. Outras redes sociais como Facebook e Snapchat suspenderam temporariamente a conta do ex-presidente. Todas o fizeram baseadas no fato de que Trump estava utilizando as ferramentas para disseminar informações falsas e incitar seus quase 89 milhões de seguidores (CLARK, 2021).

Outro resultado advindo do ataque foi o processo de impeachment aberto contra Donald Trump no congresso, acusado de “incitação à ressurreição”. O ex-presidente foi absolvido, mas para muitos especialistas, ele nunca correu um perigo real, tendo em vista a grande influência, quase “messiânica”, que exercia em diversos membros do partido Republicano (TORTELLA, 2022).

Diversos grupos de extrema-direita ligados a teorias de conspiração participaram do ataque ao Capitólio, dentre eles, e em peso significativo, o QAnon. Um dos indivíduos que se tornou um símbolo da invasão, Jacob Chansley, é conhecido como o “Xamã QAnon”. Seguidor assíduo e grande defensor das publicações de Q, Chansley foi um dos primeiros a entrar no prédio, e deixou um recado no palanque do Senado, que minutos antes estava sendo ocupado por Mike Pence, que dizia ser apenas uma questão de tempo, e a justiça estava próxima (TORTELLA, 2022).

É possível identificar diversos apoiadores do QAnon nas fotos tiradas na frente do Capitólio. Pessoas utilizando camisetas, broches e placas com a letra “Q” estampada, faixas com os slogans do grupo como “*Trust the plan*” e “*follow the white rabbit*”. Tanto do lado de dentro

como do lado de fora do prédio testemunhas (e imagens) confirmaram a presença de vários ativistas demonstrando apoio ao movimento (BBC, 2021).

Especialistas como Rollie Lal, professora na *Elliott School of International Affairs*, defendem que o ataque ao Capitólio demonstrou como grupos conspiracionistas, como o QAnon, que para alguns podem parecer uma ameaça online, desacreditada no mundo real, são capazes de organizar ataques ao sistema democrático estadunidense. Lal acredita que grupos conspiracionistas cresceram como uma força política em conjunto com o aumento da tecnologia, como uma força multiplicadora, utilizada para espalhar de forma rápida e eficiente suas teorias (LAL, 2020).

Uma semelhança muito clara pode ser vista na forma como as informações, ou neste caso, desinformações a respeito da fraude das eleições, da ilegalidade dos votos por correio e da tentativa de Joe Biden e do partido Democrata de roubar as eleições de Donald Trump foram espalhadas. Sem nenhum tipo de indício, sem provas, sem fatos que comprovam a veracidade das informações difundidas e apoiadas pelo ex-presidente. Da mesma forma como opera o QAnon, através de post realizados por uma pessoa anônima em fóruns na internet, que entrega informações conspiracionistas e que incentivam centenas de pessoas ao ódio, sem ao menos apresentar qualquer evidência que suporte suas falas.

Os defensores do QAnon possuem um senso de moral muito forte, e acreditam que estão em uma luta em busca da justiça e de salvar os Estados Unidos- e o mundo- de pessoas do “*deep state*” que possuem objetivos perversos. Dessa forma, os seguidores justificam, através do uso da moral, ações perigosas ou até mesmo criminosas, em busca da verdade e da “paz”. O motim no Capitólio foi só mais um dos acontecimentos, talvez o maior deles até então, que serviu para demonstrar ao mundo o potencial violento offline que o QAnon possui (FARIVAR, 2021).

Em suma, as alegações feitas durante toda a campanha de Donald Trump, no período das eleições presidenciais de 2020, de que as eleições estariam sendo roubadas, que os votos por correio eram ilegais e fraudulentos e, especialmente após o dia das eleições, quando as cédulas estavam sendo contadas, de que ele já teria ganho as eleições com vantagem, se contassem apenas os votos legais, foram falas que inflamaram e incentivaram milhões de norte-americanos a se mobilizarem em busca de frearem a contagem de votos e saírem nas ruas, durante o auge da pandemia do Coronavírus, na tentativa de impedir que os agentes que realizavam a contagem fizessem seu trabalho.

Esse discurso e a insistência de que o resultado das eleições era, na verdade, falso e não deveria ser aprovado pelo Congresso, foi o que inflamou e impulsionou com que centenas de indivíduos marchassem até o Capitólio e o invadissem, em um ato inédito nos Estados Unidos, no qual cidadãos atacavam contra a democracia norte-americana, incentivados pelo próprio presidente. Trump, por sua vez se recusou a seguir os conselhos recebidos repetidas vezes por sua equipe, de que deveria ir ao salão oval da Casa Branca e fazer um pronunciamento suplicando para que os manifestantes deixassem o Capitólio (GANGEL, HERB, STUART, 2022).

De acordo com testemunhas ouvidas pelo comitê da Câmara dos Estados Unidos que investiga os eventos de 6 de janeiro de 2021, o ex-presidente não tinha interesse em frear as manifestações e os ataques. Alegaram ainda que Trump teria dito que seu vice-presidente, Mike Pence, talvez merecesse ser enforcado por não ter impedido o resultado das eleições, se referindo às frases que eram ditas pelos agressores dentro do Capitólio. O ex-presidente estaria ciente dos ocorridos naquela tarde e se manteve inerte durante horas, tomando ação muito tarde, quando fatalidades já haviam ocorrido (GANGEL, HERB, STUART, 2022).

Muitos dos próprios apoiadores de Trump acreditavam que os manifestantes no local só ouviriam a ele e que, portanto, ele poderia ter impedido o escalonamento da violência naquele dia.

Os seguidores do QAnon formam parte da base de apoio ao presidente Trump, apesar de não representarem todos os eleitores republicanos, evidentemente. Dessa forma, os defensores de Q apoiaram as falas de Trump durante toda sua campanha de que as eleições corriam sérios riscos de serem fraudadas, e se manifestaram fora das redes sociais, inclusive estando presentes no ataque ao Capitólio, como já mencionado, para tentar impedir que o ex-presidente fosse derrotado nas corridas presidenciais. Demonstrando mais uma vez a influência que o grupo QAnon exerce em seus seguidores, que são capazes de cometer crimes para apoiarem as causas e ideais (FARIVAR, 2021).

Apesar de não ter vencido as eleições presidenciais de 2020, na qual Joe Biden, o presidente eleito, recebeu mais de 81 milhões de votos, se tornando o presidente mais votado da história dos Estados Unidos, Trump contabilizou 74 milhões de votos, sendo o segundo candidato mais votado da história, bem como o candidato perdedor com mais votos (MELO, 2020).

Esses números não podem ser desconsiderados. A eleição de 2020 se consagrou como a eleição com a maior participação popular, o que por si só demonstra como os cidadãos compreendiam a importância de votar, em um cenário mais polarizado do que nunca no país, e trouxe consigo grandes reflexos no sistema eleitoral e na democracia estadunidense.

Ainda que não tenha sido eleito, Trump deixou milhões de seguidores e apoiadores no país. Muitos deles que ainda defendem que as eleições foram roubadas e que almejam a volta do ex-presidente ao poder. Na maior eleição da história dos Estados Unidos grupos de extrema-direita e conspiracionistas pintaram um papel importante na mobilização a favor de Trump. O QAnon por sua vez, provou novamente como seus seguidores são ativos e engajados no mundo real, e são capazes de causar impactos reais na política norte-americana.

4. CAPÍTULO III: OS MÉTODOS DE INFLUÊNCIA DO QANON NAS ELEIÇÕES

Foi realizado um estudo na Universidade de Lahore, no Paquistão, que analisou mais de 12 milhões de tweets feitos no período das eleições presidenciais em 2020, do dia primeiro de agosto ao dia 15 de setembro, buscando as palavras-chave “Trump”, “Biden” ou “*Election2020*”. A pesquisa tinha o objetivo de identificar, dentro dos tweets coletados, aqueles que mencionaram o QAnon, para buscar entender como estes usuários se sentiam em relação aos dois candidatos, a região onde grande parte deles estava localizada e as principais palavras que descreviam seus perfis.

Dentre as principais palavras que eram utilizadas nas descrições dos perfis dos usuários que mencionaram o QAnon estavam “Trump”, “MAGA” (*Make America Great Again*) e “KAG” (*Keep America Great*), expressões utilizadas na campanha de Trump. Além disso, foram encontradas as *hashtags* “#MAGA”, “#WWG1WGA”, “#KAG”, e “#Trump2020”, bem como palavras como “patriota”, “resistência”, “Deus” e “orgulho”, que remetem a inclinação conservadora e nacionalista destes usuários. Dessa forma, os pesquisadores analisaram que grande parte dos usuários que mencionaram o grupo QAnon em seus tweets, ligados às palavras-chave da pesquisa, também utilizavam de palavras, expressões e *hashtags* ligadas às campanhas pró-Trump nas biografias de seus perfis, concluindo que a maioria esmagadora destes eram apoiadores de Donald Trump e postaram ativamente sobre isso em suas redes (ANWAR; ILYAS; YAQUB; ZAMAN, 2021).

Seamus Hughes, especialista em terrorismo e Vice-diretor do Programa de Extremismo da Universidade George Washington, ao analisar o QAnon identificou que, em um panorama geral, seus seguidores são mais velhos, muitos são ex-militares e ex oficiais de polícia. Ademais, o pesquisador atestou que os apoiadores do QAnon flutuam mais do que grupos terroristas estudados no passado, ou seja, entre os membros que participam das discussões e redes sociais existem aqueles que são apenas curiosos, que se envolveram ao ver as *hashtags* “#savethechildren” e “#stopthesteal” e só queriam fazer parte de algo, aqueles que são apoiadores de Trump, e aproveitam do movimento para propagar sua campanha, e os que realmente acreditam (HUGHES, 2020).

A descrição das pessoas que participam do grupo é muito variada e flutua entre idade e perfil socioeconômico. Para Hughes o que mais importa é como essas pessoas se encontram e se conectam- onde é o ponto de entrada e de saída de onde eles conseguem suas informações. McCord defende que um ponto unificador para grande parte dessas pessoas é que esses grupos conferem aos seus indivíduos uma sensação de pertencimento, algo com um objetivo maior do que eles mesmos do qual eles podem fazer parte. Grande parte dos seguidores quando entrevistados mencionam a existência de um “movimento maior”, uma revolução que possui um inimigo claro, e eles estão na luta pela justiça e pelo bem do país. Mesmo que a demografia desse grupo seja difícil de ser especificada, a necessidade de pertencimento é uma força motriz para o movimento extremista do QAnon (MCCORD, 2020).

Os seguidores de Q atravessam o espectro socioeconômico, uma vez que existem pessoas de alta classe publicando em suas redes sociais que não são economicamente representados e estão sendo prejudicados. Dessa forma, o mais importante nessa análise é compreender esse mecanismo de identidade central que permite com que indivíduos diferentes procurem e encontrem pertencimento em um grupo no qual se identificam algum ponto (TROMBLE, 2020).

Rollie Lal aponta como as redes sociais funcionam como acelerante, uma vez que reúnem e facilitam com que pessoas que normalmente não teriam acesso a esses grupos, seja o QAnon ou outros grupos conspiracionistas, tenham a oportunidade de conhecê-los e se unir a eles. Dessa forma os grupos conseguem se conectar com essas pessoas “*like-minded*”, encorajá-las, organizar movimentos e conseguir patrocínio (LAL, 2020).

Para além da capacidade acelerante que as redes sociais possuem, Rebekah Tromble pontua sobre como elas são voltadas para a otimização do engajamento e compartilhamento e,

dessa forma, incentivam e facilitam com que os usuários tenham acesso e compartilhem desinformação, uma vez que os algoritmos das redes as indicam como assuntos de possível interesse, até que se torne todo o conteúdo que um consome em suas mídias sociais. Conforme o QAnon se tornou mais *mainstream*, mais pessoas conheceram e engajaram com o grupo, o que faz com que, baseados nas interações desses indivíduos nas redes sociais, os ciclos dos seguidores de Q se tornassem resumidos apenas a esse tema. A pesquisadora afirma que isso faz com que esses indivíduos se tornem mais propensos a cruzar a linha legal ou moral (TROMBLE, 2020).

Hughes aponta que quando grupos como o ISIS ou a Al Qaeda começaram a receber menos atenção da mídia e aparecer menos em meios de comunicação central, seu número de recrutas caiu muito e, por mais que aqueles que restaram são indivíduos mais interessados e mobilizados, se trata de um grupo menor de pessoas, mais fácil de lidar (HUGHES, 2020).

Quando o ISIS começou a repercutir internacionalmente, analistas como Mary McCord apontam que a principal diferença entre este e a Al Qaeda era o uso intenso das mídias sociais pelo primeiro, para recrutar pessoas, planejar e confabular. A relação deste exemplo com as conspirações feitas por Q é a utilização das redes sociais como ferramenta para unir pessoas que tinham em comum crenças conspiracionistas, neste caso, em sua maioria de origem supremacista branca, que giravam em torno do fato de que o ex-presidente Trump possui um papel importante neste movimento (MCCORD, 2020).

Evidente que nem todas as pessoas envolvidas no grupo estão dispostas a tomar ações violentas, da mesma forma que nem todos os apoiadores internacionais do ISIS engajaram em ações terroristas, mas alguns estão de fato dispostos a se mobilizar. Fato exemplificado pelo ataque ao Capitólio, quando os indivíduos com crenças mais radicais do QAnon se uniram em um lugar só, e incentivados uns pelos outros e pela credibilidade que Trump dava a suas ações, se juntaram a uma revolta violenta. Demonstra-se assim a importância da desinformação nas redes sociais no processo de radicalização. Em especial quando essas mentiras são apoiadas pelo ex-presidente ou até mesmo divulgadas por ele (MCCORD, 2020).

Outra pesquisa realizada pelo Daily Kos/Civiqs apontou que as teorias de Q são vastamente apoiadas entre os votantes republicanos. Um em cada três republicanos acreditam que grande parte das conspirações do QAnon são verdadeiras, 23% destes disseram que algumas partes da teoria são reais, e apenas 13% defenderam que as teorias do grupo são infundadas. Com

o maior reconhecimento que o grupo atingiu mais republicanos demonstraram apoio ao QAnon, de 2020 para 2021 a porcentagem desses eleitores que defendem a veracidade das conspirações de Q cresceu de 46% para 56% (REPORT, 2020).

Outrossim, diversos candidatos republicanos, muitos eleitos em 2020, realizaram postagens em suas redes sociais defendendo ideias expostas por Q ou até mesmo o grupo. O centro de pesquisa sem fins lucrativos, Media Matters, que monitora desinformação nas redes sociais, afirmou que 67 candidatos ao congresso compactuavam com ideais do QAnon. Alguns, como Mike Cargile, candidato na Califórnia, adicionaram a *hashtag* “WWG1WGA”, um slogan conhecidamente pertencente ao grupo, ao seu perfil do Twitter. Outros, como Billy Prempeh, que concorria em Nova Jersey, chegaram a divulgar fotos ao lado da bandeira do QAnon (GABBATT, 2020).

Marjorie Taylor Greene, como já mencionado, uma das candidatas mais conhecidas por defender publicamente o QAnon e as postagens de Q, foi elogiada por Trump durante as eleições, e convidada a subir no palco durante um das falas do ex-presidente para eleitores pró-Trump. Apesar de seu registro publicamente conhecido de comentários falsos, fanáticos e disseminação de desinformação, a candidata recebeu apoio público de Trump, sendo eleita ao congresso no estado da Geórgia (LA TORRE, 2021).

Durante a campanha de Greene, diversos outros candidatos a denunciaram quando foram divulgados vídeos da deputada expressando falas racistas, islamofóbicas e anti-semitas. Entretanto, estes só fizeram aumentar sua popularidade, que acumulou dezenas de milhares de seguidores nas redes sociais após as polêmicas geradas por suas falas, que vão diretamente ao encontro das ideias intrínsecas ao QAnon. Conforme a deputada era condenada pelos outros congressistas, sua fama só aumentava entre os seguidores de Q, que ativamente realizavam campanhas na internet para promover e eleger Greene ao poder, como um dos maiores símbolos da força e influência que o QAnon exerce na política estadunidense. Travis View, co-apresentador do Podcast “QAnon Anonymous”, e seguidor assíduo das ações do grupo, afirmou que os seguidores do QAnon são extremamente ativos politicamente, tanto em termos de voto quanto em promover seus candidatos online (LA TORRE, 2021).

Miguel De La Torre, em seu livro “*Faith and Reckoning after Trump*”, argumenta que uma das razões pelas quais até então não houve condenações destes candidatos, e até mesmo do próprio QAnon, por republicanos seniores é justamente o fato de que o grupo auxilia na eleição

de candidatos republicanos e, em um momento no qual o partido precisava de todos os votos possíveis, a utilização da influência do QAnon era justificada (LA TORRE, 2021).

O autor menciona ainda, que por mais que seja alarmante o estreitamento de laços entre o partido Republicano e o QAnon para angariar votos, não é a primeira vez que isto acontece dentro do partido, como exemplo da ascensão e fortalecimento da direita religiosa entre os republicanos, que atualmente ocupa um papel de forte influência política e ajudou a eleger diversos candidatos no passado (LA TORRE, 2021).

Uma pesquisa realizada por especialistas em desinformação e mídias sociais da Universidade do Sul da Califórnia, liderada pelo pesquisador e professor Emílio Ferrara, analisou uma database de 242 milhões de tweets relacionados às eleições, coletados entre junho e setembro de 2020, com o objetivo de identificar e separar fatos distorcidos e narrativas conspiratórias, em busca de caracterizar o discurso manipulador utilizado previamente às eleições. Utilizaram as alegações encontradas neste conjunto de tweets para investigar tópicos ligados à desinformação e a grupos conspiracionistas, em especial o QAnon.

O estudo coordenado por Ferrara demonstrou que os principais tópicos conspiratórios discutidos no Twitter, a priori das eleições, eram a fraude dos votos por correio, Covid-19, o movimento “*Black Lives Matter*” (“Vidas Negras Importam”)- tópicos considerados pela candidata ao congresso da Geórgia, Angela Stanton King, outra adepta às teorias de Q, como fachada para “pedofilia e tráfico humano” (Gabbatt, 2020). Além de censura midiática e mentiras relacionadas a candidatos políticos atuais e passados (SHARMA, FERRARA, LIU, 2021).

Os pesquisadores criaram um processo para rotular dados e extrair características dos tweets para treinar os modelos de detecção, que denominaram de cascatas. Dessa forma, através do uso de modelos de especificação e detecção, foram capazes de identificar URLs confiáveis, não confiáveis e conspiratórias presentes nos tweets, utilizando uma base de fontes conhecidas por divulgarem fatos de baixa credibilidade. Chegaram a 124 fontes de notícias válidas e 1380 suspeitas ou conspiratórias. Separaram as URLs de compartilhamento de tweets originais publicados a partir dessas fontes de notícias entre confiáveis e não confiáveis/conspiratórios, respectivamente. Além disso, também rotularam os tweets que são retuítes, respostas ou citações que compartilham essas URLs. Assim, criaram uma divisão de cascatas de tweets não confiáveis e conspiratórios e confiáveis e verificados (SHARMA, FERRARA, LIU, 2021).

Realizado o treinamento dos modelos de detecção, tanto para rotular a credibilidade da informação contida no post, quanto do engajamento que este tweet atingiu, os pesquisadores prosseguiram para o processo de inferir a inclinação política das contas analisadas nos dados, novamente utilizando uma base de sites de notícias classificadas entre esquerda, centro-esquerda e direita e centro-direita (SHARMA, FERRARA, LIU, 2021).

Foram identificadas mais de 92 mil contas, dentro da base extraída no Twitter, com posts contendo palavras-chave associadas ao QAnon, dos quais 80 mil foram inferidas como sendo de direita, confirmadas como as contas de fato pertencentes a membros do grupo, enquanto as outras utilizavam as palavras-chave para discutir, se opor ou ridicularizar as teorias. Dentre as principais palavras-chave identificadas estavam “WWG1WGA”, “#Obamagate”, “#qanon”, “#Savethechildren”, “thegreatawakening”, “deepstate”, dentre outras expressões já mencionadas neste trabalho que se referem às teorias do grupo (SHARMA, FERRARA, LIU, 2021).

Para identificar a atividade destas contas na plataforma foi feita uma filtragem entre os 10,3 milhões de usuários da data base inicial, para 1,2 milhões, que são as contas ativas na plataforma durante o período deste estudo. Com base nestas contas, os usuários do QAnon interagiram com mais de 300 mil outras, seja por base de respostas, retuítes, ou citações de seus posts. Foi encontrado que dentre as contas ativas, apenas 34,4% não tiveram nenhum tipo de interação com as contas QAnon. Dentre essas interações, principalmente em relação a retuítes e citações, grande parte era feita entre contas inferidas como de direita e as contas de seguidores do QAnon, já as respostas foram bem distribuídas entre contas de direita e de esquerda, sendo mais de 40% de interação entre contas de esquerda e contas QAnon, o que sugere que estas contas engajaram em discussões. Também é um indicativo das estratégias para atrair seguidores para Q e influenciar liberais, uma prática que é chamada no grupo de “*red pilling*”, uma referência a oferecer uma “pílula vermelha”, que lhes mostraria a verdade sobre o “*deep state*” e seus planos, sendo a “missão” que Q teria atribuído a todos os seus seguidores (SHARMA, FERRARA, LIU, 2021).

Apesar de que, em seus estudos, os pesquisadores encontraram que tweets com conteúdos falsos ou conspiratórios são menos virais em quantidade, ainda sim grande parte deles receberam muito engajamento, através de retuítes, respostas, citações e compartilhamentos. Ademais, foi observado que este tipo de tweet feitos por contas QAnon possuíam mais engajamentos

repetidos, ou seja, atingiam os mesmos usuários repetidas vezes. O que mais uma vez comprova a característica das publicações conspiratórias de atingirem contas que estão mais propensas a interagir e aceitar seu conteúdo, sendo facilmente mais manipuláveis e abertas a seguirem as instruções e recomendações dadas por Q (VOSOUGHI, ROY, ARAL, 2018).

Outrossim, foi identificado que em diversos testes de amostras aleatórias da database da pesquisa as contas QAnon eram bem mais influentes que na amostra geral, sendo mais citadas e retuitadas, demonstrando como na cascata de influência correta, entre contas que já se identificavam como inclinadas à direita, o grupo foi capaz de exercer uma influência ainda maior (SHARMA, FERRARA, LIU, 2021).

Todos os dados mencionados acima tratam do período pré eleição, e os assuntos levantados na grande maioria dos tweets da base dizem respeito a corrida presidencial que tomava lugar nos Estados Unidos. Ferrara apontou que os chamados “estados indefinidos”, nos quais o ganhador das eleições é imprevisível, tais como a Flórida, Geórgia, Texas, Carolina do Norte, Arizona e outros, engajaram mais e apoiaram os posts realizados por contas QAnon, configurando mais que o dobro da média dos outros estados, demonstrando como o grupo exerceu influência em estados importantíssimos para definirem as eleições e auxiliarem nos votos pró-Trump (SHARMA, FERRARA, LIU, 2021).

Aoife Gallagher, analista de desinformação e extremismo do *Institute for Strategic Dialogue*, em Londres, afirmou que as evidências a respeito da distorção de informação realizada por grupos conspiracionistas, em especial o QAnon, foram capazes e convencer milhares de pessoas a mudarem seus votos nos dias finais das eleições (ISD, 2020). Reiterou que membros da equipe de Trump utilizaram o QAnon, à medida que as eleições se aproximavam. Diversas pessoas do círculo próximo de Trump, incluindo o próprio ex-presidente, promoveram as teorias defendidas pelo grupo, como seu ex-conselheiro de segurança nacional, general Michael Flynn e Dan Scavino, ex-diretor de mídia social da Casa Branca e vice-chefe de gabinete de comunicações, que também compartilhou em suas redes sociais diversos posts feitos por contas QAnon. Essas citações e compartilhamentos atribuem a estas contas ainda mais potência, ao serem “confirmadas” por pessoas próximas a Trump (GALLAGHER, 2020).

A analista pontua ainda que os seguidores do QAnon tendem a ser apoiadores dogmáticos de Trump e a comunidade que QAnon se organizou de forma a atuar como um mecanismo de entrega de informações distorcidas, *fake news*, e teorias conspiratórias completamente

infundadas, para uma ampla gama de pessoas nas redes sociais. Os seguidores do QAnon seguem ordens diretas de Q, decifradas através de códigos sem sentido, para aguardar o momento no qual devem agir quando a “tempestade” for reconhecida, e enquanto isso atuam como uma artilharia online, convertendo o maior número de pessoas possíveis (GALLAGHER, 2020).

A propagação da desinformação e a distorção de fatos para promoção de teorias foi comprovada a reduzir a confiança das pessoas nas plataformas online, uma vez que possuem a capacidade de influenciar a opinião individual e as dinâmicas sociais. Estudos demonstraram que a exposição a teorias conspiratórias e fatos não confiáveis é capaz de influenciar a percepção da verdade de um indivíduo, evidentemente relacionado a quão propenso esta pessoa está a aceitar fatos como uma verdade sem investigar mais a fundo. Não obstante, em cenários polarizados por discursos partidários a distorção de informações pode levar a intensificação de preconceitos e ao antagonismo ideológico (VAN DER LINDEN, 2015; NYHAN; REIFLER, 2010).

Apesar das ações das redes sociais como Twitter, Facebook e YouTube para banir grande parte das contas relacionadas ao QAnon, estas encontraram formas de burlar as restrições, utilizando de *hashtags* diferentes àquelas linkadas à conspiração, como demonstra o estudo de Ferrara (SHARMA, FERRARA, LIU, 2021). Segundo uma análise da *Advance Democracy*, no dia das eleições haviam mais de 100.000 contas QAnon ativas no Twitter. Essas contas foram responsáveis por mais de meio milhão de postagens a respeito das eleições de 2020, entre meia-noite às 17h, sendo mais que o dobro do valor do mesmo período do dia anterior. Ademais, as contas QAnon representaram 2,3% das conversas no Twitter sobre a eleição durante esse período, um número relativamente alto em comparação a quantidade de contas QAnon ativas (BOMEY, 2020).

Dentre as 10 principais *hashtags* utilizadas em postagens sobre as eleições de 2020, duas delas- #MAGA e #Trump2020- receberam mais de 7,1% de sua amplificação de contas QAnon durante esse período, de acordo com a análise. Incluindo *hashtags* como #stopthesteal, usadas por apoiadores de Trump para promover a informação infundada de que os democratas estavam roubando as eleições, e #savethechildren, que receberam um impulso por contas apoiadoras do QAnon. Por volta de 15% das postagens #stopthesteal vieram destas contas (BOMEY, 2020).

Outrossim, Gallagher afirma que a utilização das redes sociais pelas contas QAnon para espalhar desinformação e gerar desconfiança em relação a fontes e instituições as quais seriam normalmente recorridas para confirmar informações, o grupo contribuiu para o clima de

insegurança já presente nas redes a respeito das eleições, o que fez com que milhares de pessoas se convencessem da falácia do roubo das eleições, que mais tarde se converteram em eleitores trumpistas, se ainda não eram (GALLAGHER, 2020).

Em síntese, autores como Gallagher, Ferrara e De La Cruz, em suas pesquisas e dados empíricos, confirmaram a influência e o impacto que o grupo radical conspiracionista QAnon atingiu nas eleições presidenciais estadunidenses de 2020, ao poluírem as redes sociais com mentiras e teorias conspiratórias, incentivarem um clima de medo e tensão entre os eleitores, divulgarem informações mentirosas a respeito de Joe Biden e sobre o “*deep state*”. Ao utilizarem as redes como aceleradoras para suas conspirações, foram capazes de influenciar milhares de pessoas, que em outro contexto não votariam ou até mesmo votariam em outro candidato, a votarem no candidato republicano Donald Trump, durante a corrida presidencial mais acirrada da história dos Estados Unidos, na qual cada voto era crucial.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho buscou contextualizar o surgimento de um dos grupos conspiracionistas mais alarmantes dos Estados Unidos, entender como o QAnon opera, quais os mecanismos de engajamento utilizam, como atraem seguidores, como espalham suas teorias e se foram capazes de mobilizar eleitores nas eleições presidenciais de 2020.

Ao analisar diversos autores e fontes sobre como o grupo surgiu e se tornou tão grande nos Estados Unidos, chega-se à conclusão de que o QAnon reciclou diversas teorias conspiracionistas pré-existentes e reuniu, em uma figura secreta e com suposta proximidade a Trump, estes ideais racistas, antissemitas, supremacistas brancos e de ódio. Desta forma, fez com que pessoas de diferentes idades, regiões e classes socioeconômicas, que se identificavam em algum ponto com as teorias postadas pelo grupo, buscassem conhecer e se envolver mais com a causa, até estarem imersas no conteúdo conspiracionista de Q.

Ademais, através dos dados trazidos neste trabalho, demonstrou-se que os seguidores do QAnon são, em sua totalidade, apoiadores de Trump, uma vez que grande parte das ideias difundidas pelo grupo gira em torno da importância da figura messiânica que Donald Trump representa para muitos de seus seguidores. Dessa forma, o QAnon aproveita da massiva base de eleitores de Trump, e é capaz de fazer com que suas teorias os atinjam, através dos algoritmos

das redes sociais, se validando, ao menos em partes, com milhares de republicanos que concordam em algum nível com as conspirações do QAnon.

Não obstante, o grupo foi muito perspicaz em compreender a oportunidade que a pandemia trouxe. Uma vez que as pessoas, sem a possibilidade de saírem de casa, passaram a utilizar cada vez mais a internet e buscar respostas para as incertezas que foram estabelecidas junto com o Covid-19, o que se tornou um campo fértil para que as teorias conspiracionistas de Q ganhassem mais visibilidade, especialmente ao incorporarem teorias anti-vacina, anti-máscara e espalharem a inverdade de que o vírus era uma farsa criada pelo “*deep state*” para controlar as pessoas. Dessa forma, o QAnon foi capaz de expandir seu alcance e número de seguidores exponencialmente durante a pandemia.

Outrossim, muitos dos seguidores do QAnon, ao se encontrarem completamente imersos nas teorias e mentiras do grupo, sem receber outro tipo de conteúdo em suas redes sociais, enviesadas pelo algoritmo que busca recomendar sempre temáticas similares com as que o usuário interage, passam a confiar fielmente e aguardar ansiosos pelas novas “*Qcrumbs*” do usuário anônimo, tornando-se capazes de cometer crimes em detrimento das teorias divulgadas pelo QAnon.

Finalmente, em um ano de eleição, em um país completamente polarizado, como foi o caso dos Estados Unidos em 2020, grupos conspiracionistas extremamente partidários como o QAnon geram preocupação em analistas e pesquisadores da área.

Este trabalho buscou apresentar, através da identificação dos grupos, interações e perfis dos seguidores do QAnon, nas principais redes sociais do mundo, a capacidade de mobilização que este possui. Ao apresentar os números de contas e seguidores engajados online, que chegam na casa dos milhões, o conteúdo de seus posts, através da utilização de palavras-chave, e a quantidade expressiva de postagens que realizaram, faz-se plausível inferir que praticamente todos os seguidores do QAnon votaram em Donald Trump em 2020- tendo em vista a voracidade e agressividade identificada em seus posts a favor do ex-presidente.

Mas não apenas os seguidores de Q se movimentaram para votar no candidato republicano, como utilizaram da estratégia de despejar milhares de notícias falsas, informações mentirosas, teorias infundadas nas redes sociais, que atingiram milhões de pessoas, em busca de influenciar no voto da maior quantidade de estadunidenses possível. Ao analisar números de pesquisas apresentadas neste trabalho, demonstra-se como as contas QAnon foram capazes de

engajar com um número expressivo de pessoas no Twitter, receber centenas de milhares de interações e, inferir-se assim a capacidade de mobilizar indivíduos no mundo real para comparecerem a passeatas, mobilizações, às urnas, e até mesmo ao ataque ao Capitólio.

Ainda que Donald Trump tenha perdido as eleições, o número de votos atribuídos ao ex-presidente não pode ser desconsiderado, especialmente em um momento no qual os republicanos utilizavam de qualquer ajuda que conseguissem, ainda que viessem de grupos conspiracionistas, como o QAnon. O grupo foi capaz ainda de engajar quase o dobro em conversas e postagens nos “estados indefinidos”, determinantes para o resultado das eleições, demonstrando seu engajamento extremo e organizado.

Em síntese, analisando os milhões de seguidores que o QAnon conquistou ao longo dos anos, com seu maior pico em 2020, e as milhões de postagens que estes fizeram nas redes sociais a respeito das eleições, propagando Donald Trump, espalhando mentiras sobre os votos e o candidato adversário, faz-se cabível inferir, ainda que não seja possível estimar a quantidade exata de votos, indícios de que o QAnon foi capaz de mobilizar e influenciar que seus milhões de seguidores, e centenas de milhares de pessoas persuadidas por eles, fossem às urnas votar à favor de Donald Trump, mobilizando eleitores nas eleições presidenciais mais acirradas da história dos Estados Unidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFP. **Cloudflare rompe com site 8chan após massacre de El Paso**. 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/jornalcomtecnologia/cloudflare-rompe-com-site-8chan-ap%C3%B3s-massacre-de-el-paso-1.356322>. Acesso em: 15 maio 2022.

AFP. **QAnon conspiracies go global in pandemic 'perfect storm'**. 2020. Disponível em: <https://www.bangkokpost.com/world/1997499/qanon-conspiracies-go-global-in-pandemic-perfect-storm>. Acesso em: 24 maio 2022.

ANWAR, Ahmed; ILYAS, Sardar Haider Waseem; YAQUB, Ussama; ZAMAN, Salma. **Analyzing QAnon on Twitter in Context of US Elections 2020: Analysis of User Messages and Profiles Using VADER and BERT Topic modeling**. In: THE 22ND ANNUAL INTERNATIONAL CONFERENCE ON DIGITAL GOVERNMENT RESEARCH, 22., 2021, Lahore. Conference. [S.L.]Lahore: Association For Computing Machinery, 2021. p. 82-88. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/pdf/10.1145/3463677.3463718>. Acesso em: 30 jun. 2022.

AOIFE Gallagher Interviewed by The Beacon on the QAnon Conspiracy Theory. 2020. Institute for Strategic Dialogue. Disponível em: <https://www.isdglobal.org/isd-in-the-news/aoife-gallagher-interviewed-by-the-beacon-on-the-qanon-conspiracy-theory/>. Acesso em: 01 jul. 2022.

BARKUN, Michael. **A Culture of Conspiracy: Apocalyptic Visions in Contemporary America**. California: University Of California Press, 2013. 504 p. Disponível em: <https://www.scribd.com/read/295617770/A-Culture-of-Conspiracy-Apocalyptic-Visions-in-Contemporary-America>. Acesso em: 12 mai. 2022.

BEER, Tommy. **Majority Of Republicans Believe The QAnon Conspiracy Theory Is Partly Or Mostly True, Survey Finds**. 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/tommybeer/2020/09/02/majority-of-republicans-believe-the-qanon-conspiracy-theory-is-partly-or-mostly-true-survey-finds/?sh=36a1693a5231>. Acesso em: 26 jun. 2022.

BOMEY, Nathan. **Were voters manipulated by QAnon a force behind Trump's 'red wave' in 2020 election?** 2020. Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/tech/2020/11/06/qanon-2020-election-trump-biden-polls/6167059002/>. Acesso em: 29 jun. 2022.

CAMPBELL, Andy. **The QAnon Conspiracy Has Stumbled Into Real Life, And It's Not Going To End Well**. 2018. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/qanon-conspiracy-real-life_n_5b54bbafe4b0b15aba8fe484. Acesso em: 30 maio 2022.

CLARK, Peter Allen. **Twitter Permanently Suspends President Donald Trump's Account**. 2021. Disponível em: <https://time.com/5928170/twitter-bans-donald-trump/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

EUA se dividem em atos a favor e contra a contagem de votos. 2020. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2020/noticia/2020/11/05/eua-se-dividem-em-atos-a-favor-e-contra-a-contagem-de-votos.ghtml>. Acesso em: 24 jun. 2022.

EXAMINING Extremism: QAnon. 2021. CSIS. Disponível em: <https://www.csis.org/blogs/examining-extremism/examining-extremism-qanon>. Acesso em: 15 jul. 2022.

FANJUL, Sergio C.. **Teorias conspiratórias do QAnon varrem o mundo e são mais perigosas do que parecem**. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-01-12/teorias-conspiratorias-do-qanon-varrem-o-mundo-e-sao-mais-perigosa-do-que-parecem.html>. Acesso em: 15 maio 2022.

FARIVAR, Masood. **Capitol Riot Exposed QAnon's Violent Potential**. 2021. Disponível em: https://www.voanews.com/a/usa_capitol-riot-exposed-qanons-violent-potential/6203967.htm. Acesso em: 15 jun. 2022.

GABBATT, Adam. **'They need voters': QAnon is finding a home in the Republican party**. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2020/aug/02/qanon-conspiracy-theory-republican-party-candidates>. Acesso em: 30 jun. 2022.

GALINDO, Jorge. **Trump ameaça cruzar a linha vermelha do processo democrático**. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional-trump-ameaca-cruzar-a-linha-vermelha-do-processo-democratico.html>. Acesso em: 24 jun. 2022.

GANGEL, Jamie; HERB, Jeremy; STUART, Elizabeth. **Exclusivo: Trump poderia ter evitado violência da invasão do Capitólio, dizem Republicanos**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/exclusivo-trump-poderia-ter-evitado-violencia-da-invasao-do-capitolio-dizem-republicanos/>. Acesso em: 01 jul. 2022.

HASSAN, Steven. **The Cult of Trump: A Leading Cult Expert Explains How the President Uses Mind Control**. California: Free Press, 2019. 518 p. Disponível em: <https://www.scribd.com/read/428807912/The-Cult-of-Trump-A-Leading-Cult-Expert-Explains-How-the-President-Uses-Mind-Control>. Acesso em: 24 maio 2022.

HERB, Jeremy; COHEN, Marshall; COHEN, Zachary. **EUA: Comitê da Câmara reforça culpabilidade de Trump por ataque ao Capitólio**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eua-comite-da-camara-reforca-culpabilidade-de-trump-por-ataque-ao-capitolio/>. Acesso em: 01 jul. 2022.

JOSEPH O., Baker; SAMUEL L., Perry; ANDREW L., Whitehead. **Keep America Christian (and White): Christian Nationalism, Fear of Ethnoracial Outsiders, and Intention to Vote for Donald Trump in the 2020 Presidential Election**. IUPUI ScholarWorks. Oxford, 2020. 23

p. Disponível em: <https://scholarworks.iupui.edu/handle/1805/26339>. Acesso em: 3 jul. 2022.

LA TORRE, Miguel de. **Faith and Reckoning after Trump**. New York: Orbis, 2021. 304 p. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=niA_EAAAQBAJ&lpg=PT43&dq=Travis%20View%20QAnon%20followers%20tend%20to%20be%20%E2%80%9Cextremely%20politically%20active%E2%80%9D&hl=pt-BR&pg=PT46#v=onepage&q=Travis%20View%20QAnon%20followers%20tend%20to%20be%20%E2%80%9Cextremely%20politically%20active%E2%80%9D&f=false. Acesso em: 18 jul. 2022.

LABORDE, Antonia. **Um país, 160 milhões de votos e 50 regras para apurá-los. O que explica a complexa eleição nos EUA**. 2020. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-11-06/um-pais-160-milhoes-de-votos-e-50-regras-para-apura-los-o-que-explica-a-complexa-eleicao-nos-eua.html>. Acesso em: 24 jun. 2022.

LAMOUREUX, Mack. **People Tell Us How QAnon Destroyed Their Relationships**. 2019.

Disponível em:

<https://www.vice.com/en/article/xwnjx4/people-tell-us-how-qanon-destroyed-their-relationships>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MARS, Amanda. **Encurralado pela apuração, Trump acusa Biden sem provas de “roubar” a eleição**. 2020. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-11-06/encurralado-pela-apuracao-trump-acusa-biden-sem-provas-de-roubar-a-eleicao.html>. Acesso em: 24 jun. 2022.

MCINTIRE, Mike; ROOSE, Kevin. **What Happens When QAnon Seeps From the Web to the Offline World**. 2020. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2020/02/09/us/politics/qanon-trump-conspiracy-theory.html>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MELO, João Ozorio de. **Sem obrigação de votar, eleitores batem recorde de votação nos EUA**. 2020. Disponível em:

<https://www.conjur.com.br/2020-nov-26/obrigacao-votar-eleitores-batem-recorde-votacao-eua>. Acesso em: 24 jun. 2022.

OLIVEIRA, Thiago Godoy Gomes de. **O nacionalismo e a política externa dos Estados Unidos: o Partido Republicano no século XXI**. 2021. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; Universidade Estadual de Campinas Pontifícia; Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202880/oliveira_tgg_me_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 15 maio 2022.

PAULO TOLEDO PIZA. CNN. **Entenda como funciona o sistema eleitoral nos Estados Unidos**. 2020. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-como-funciona-o-sistema-eleitoral-nos-esta>

dos-unidos/. Acesso em: 20 jun. 2022.

Q: INTO the Storm [Seriado]. Direção de Cullen Hoback. Produção de Cullen Hoback. Estados Unidos: HBO, 2021. (353 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://play.hbomax.com/page/urn:hbo:page:GYDk9Ig48c5i6hgEAAA7:type:series>. Acesso em: 01 maio 2021.

QANON ANONYMOUS. [Locução de]: Travis View, Julian Feeld, Jake Rockatansky. Estados Unidos: QAA Records. *Podcast*. Disponível em: <https://soundcloud.com/qanonanonymous>. Acesso em: 20 mai. 2022.

REPORT: Americans Pessimistic on Time Frame for Coronavirus Recovery. 2020. Daily Kos/Civics Poll. Disponível em: <https://civics.com/reports/2020/9/2/report-americans-pessimistic-on-time-frame-for-coronavirus-recovery>. Acesso em: 24 jun. 2022.

ROOSE, Kevin. **What Is QAnon, the Viral Pro-Trump Conspiracy Theory?** 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/article/what-is-qanon.html>. Acesso em: 18 maio 2022.

ROSENBERG, Matthew. **Pushing QAnon and Stolen Election Lies, Flynn Re-emerges**. 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/02/06/us/politics/michael-flynn-qanon.html>. Acesso em: 01 jul. 2022.

SCHABES, Emily. **Birtherism, Benghazi and QAnon: Why Conspiracy Theories Pose a Threat to American Democracy**. 2020. 83 f. Tese (Doutorado) - Curso de Honor Scholar Theses, Depauw University, Indiana, 2020. Disponível em: <https://scholarship.depauw.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1158&context=studentresearch>. Acesso em: 24 maio 2022.

SEN, Ari; ZADROZNY, Brandy. **QAnon groups have millions of members on Facebook, documents show**. 2020. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/tech/tech-news/qanon-groups-have-millions-members-facebook-documents-show-n1236317>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SENRA, Ricardo. **Eleições dos EUA 2020: republicanos reagem a acusações de fraude sem provas de Trump: 'Indefensável'**. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54835114>. Acesso em: 26 jun. 2022.

SHARMA, Karishma; FERRARA, Emilio; LIU, Yan. **Characterizing Online Engagement with Disinformation and Conspiracies in the 2020 U.S. Presidential Election**. In: SIXTEENTH INTERNATIONAL AAAI CONFERENCE ON WEB AND SOCIAL MEDIA, 16., 2022, California. **Proceedings [...]**. [S.L.]California: Association For The Advancement Of Artificialintelligence, 2021. p. 908-919. Disponível em: <https://ojs.aaai.org/index.php/ICWSM/article/view/19345/19117>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SINGH, Maanvi. **'Count every vote': protesters take to streets across US as ballots tallied**.

2020. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/us-news/2020/nov/04/protests-votes-ballot-counting-us-election>.

Acesso em: 26 jun. 2022.

THE Capitol Riots, QAnon, and the Internet. Realização de The George Washington University.

Washington: Institute For Data, Democracy & Politics, 2020. Son., color. Disponível em:

<https://iddp.gwu.edu/capitol-riots-qanon-and-internet>. Acesso em: 24 jun. 2022.

TORTELLA, Tiago. **Invasão do Capitólio completa um ano: relembre o ataque à democracia dos EUA**. 2022. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/invasao-ao-capitolio-completa-um-ano-relembre-o-ataque-a-democracia-dos-eua/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

WALL, Bryan. **Aoife Gallagher of the Institute for Strategic Dialogue: QAnon is a ‘delivery mechanism for many different disinformation campaigns’**. 2020. Disponível em:

<https://the-beacon.ie/2020/08/11/aoife-gallagher-of-the-institute-for-strategic-dialogue-qanon-is-a-delivery-mechanism-for-many-different-disinformation-campaigns/>. Acesso em: 01 jul. 2022.